

Echos de Guimarães

Director e Editor, Tomás Rocha dos Santos

Redacção—Rua 31 de Janeiro

Administração—Rua do Paio Galvão, 70

SEMÁNARIO MONÁRQUICO

Propriedade da Empresa

DOS

Ecos de Guimarães

Officinas de composição e impressão

Tipografia Minerva Vimaranesse

68, Rua do Paio Galvão, 72

GUIMARÃES

Responsabilidades

Não basta jogar a revolução, mas é preciso tornar effectivas e com a mais exemplar severidade as responsabilidades. Para que assim se proceda, nem é preciso fazer o que fizeram os democraticos quando, tendo abortado o movimento de 13 de dezembro, em que não houve derramamento de sangue e se limitou aos episódios incruentos de Thomar e de Abrantes, exigiam em altos berros as penas maximas para os revoltosos, fazendo a celebre lei militar de excepção que, aceso em ira e espumando odio, o ministro Norton de Mattos fez votar de afogadilho no parlamento, dizendo que nem queria sujar os labios pronunciando o nome que exercava do chefe d'esse movimento e fundador da republica, e que rasgaria a sua farda se algum dia voltassem ao exercito portuguez os officiaes que se tinham comprometido nesse movimento!

Ora o 13 de dezembro de 1916, pelo qual o sr. Machado Santos e outros sofreram, sem julgamento, um ano de prisão preventiva, da qual só saíram com a revolução de dezembro de 1917, não tem comparação possível com o que se passou agora em tantos pontos do paiz, com derramamento de sangue e a morte de officiaes tão nobres e tão valorosos como o malogrado coronel de cavalaria 5, sr. Pereira da Silva, infamemente assassinado em Evora.

Ha, portanto, que averiguar até onde ia a contaminação demagogica, que se vê ter extensissimas ramificações, pois se revoltaram ou se submetteram em massa varias unidades militares, convido levar esse rigoroso apuramento de responsabilidades até aos que, exercendo comandos, se não sabe ainda o que fizeram, apesar de muito advertidos para evitarem a rebelião e depois se submetteram, sem jogar a vida, aos mandões revolucionarios.

Ha dias lha-se no *Seculo* e a proposito dos successos d'Evora, isto, que é realmente curioso:

«Como principiára aquilo?

A esta primeira pergunta não foi difficil obter resposta immediata. Já de ha muito que o major sr. Carrilho, investido nas altas funções de governador civil do distrito, tinha noticias de que elementos democraticos e evolucionistas da cidade, de feição com varios officiaes dos contingentes militares ali destacados—infantaria 11, artilharia e cavalaria 5—premeditavam um golpe de Estado.

Instantemente pedira aquella autoridade ao ex-secretario de Estado da guerra, sr. Amilcar Motta, a transferencia de varios militares suspeitos, entre elles dos sargentos musicos de infantaria e dos aspirantes de artilharia Acabado e Carvalho, sem que tal pedido fosse satisfeito, e por varias vezes tambem chamára a atenção do general comandante da divisão, sr. Mousinho de Albuquerque, para a indisciplina reinante nos quartéis, de possíveis resultados funestos.

Esses resultados manifestaram-se bem claramente na ausencia do chefe do distrito, que, vindo a Lisboa apresentar a sua demissão

ao novo secretario de Estado do Interior, recentemente nomeado, apressadamente teve de regressar a Evora, atendendo á urgencia e gravidade de um telegrama que ali o chamava.»

Que diz a tudo isto o sr. coronel Amilcar Motta, Secretario de Estado da guerra por largos mezes?

Da boa fé do sr. Amilcar Motta, que é um official muito illustrado e um carater muito leal, ninguém duvidará; mas cremos que essa boa fé caiu em grande excesso, não dando ouvidos a leaes prevenções que lhe eram feitas e tendo como resultado que, no termo de alguns mezes da sua gerencia na pasta da guerra, o exercito se apresentou contaminado do virus demagogico, o que deixa em pessima situação o ministerio da guerra que tinha officiaes reconhecidamente adversos á situação, como o coronel Mourão e outros, á frente dos regimentos que poderiam revoltar-se de um instante para o outro como se viu!

Tambem sobre o sr. general Braz Mousinho d'Albuquerque, antigo ministro do sr. Bernardino Machado e actual comandante da 4.ª divisão, dizia *O Seculo*:

«Que fazia, entretanto, o general comandante da divisão?

Segundo as versões colhidas, aguardava tambem no quartel o desenrolar da aventura, já neste momento investido de todas as funções autoritarias, segundo ordens telegraficamente transmitidas de Lisboa.»

Não só não percebemos porque seja louvavel, mas reconhecemos que precisa de uma clara explicação. E oxalá ela seja plenamente satisfatoria.

Tambem é muito interessante esta ordem de serviço em que o tenente-coronel Manoel Alves Paia, o major de cavalaria Joaquim José da Conceição e o chefe revolucionario civil Estevão Pimentel demittiram o governador civil do distrito, entregando-o ao democratico Florival de Miranda:

Serviço da Republica—Regimento de artilharia de montanha—2.º grupo—Ao ex.º sr. governador civil de Evora: Todas as forças da guarnição, com excepção da guarda republicana, que não é hostil ao movimento, aderiram á revolução. Nestas circunstancias, o «comité» revolucionario assumiu o governo da cidade, devendo, por esse facto, v. ex.ª e as autoridades sob as suas ordens considerarem-se destituidas das suas funções, comquanto reconheça as inalteráveis convicções republicanas de v. ex.ª—(a) Manoel Alves Paia, tenente-coronel de cavalaria; Joaquim José da Conceição, major de cavalaria. Pela junta revolucionaria, Estevão da Cunha Pimentel.»

E no verso:

Os srs. Florival Sanches de Miranda e José Celestino Formosinho, portadores d'esta, tomarão, por ordem da junta revolucionaria, conta d'esse governo civil.»

(Segue a rubrica dos anteriores signatarios).

Sobre a attitude do governador civil de Coimbra disse muito bem o nosso illustre colega *Diario Nacional*:

O governador civil nomeado ultimamente para Coimbra entrará resolutamente no caminho da aproximação...

O sr. capitão Oliveira estava positivamente encantado com os democraticos—tão bons rapazes!—com os evolucionistas—exceles republicanos!—e com os unionistas—uns verdadeiros amores!—que faziam realmente os impossiveis para tornar facil a missão do novo governador civil sidonista...

Todos d'acôrdo em levantar o nivel da politica do distrito! As conferencias dos «bons republicanos» com o sr. capitão Oliveira succediam-se, e tudo indicava que esta autoridade administrativa tinha realisado finalmente nas margens do Mondego a sonhada reconciliação da familia republicana...

Como ia longe o «tempo ominoso» da administração do sr. Solano d'Almeida, um talassão reacionario, que não tinha as devidas amabilidades para com os «bons republicanos» nem pensava na reconciliação da familia, antes praticava o monstruoso crime de os não deixar pôr pé em fano verde, evitando ominosamente... que se forjassem revoluções em Coimbra!

Pois aí onde se fez licitamente a reconciliação da familia republicana é que o «complot» assumiu maior vulto e poude, precisamente por causa da reconciliação, urdir-se mais á vontade e dar mais importantes e graves resultados! Como muito bem notava ha dias *O Tempo*, «os politicos de Coimbra saíam das conferencias com o governador civil, a quem prometiam cooperação e lealdade, para as reuniões do complot onde preparavam a revolução e tramavam talvez o assassinato do proprio governador civil.»

E como não haviam então os «bons republicanos» de fazer campanhas austerissimas contra o sr. Solano d'Almeida, que estava comprometendo e desprestigiando a republica como governador civil de Coimbra, e sob cujo consulado não houve na cidade do Mondego nem reconciliação... nem revolução?!

Tivessem os «bons republicanos» conseguido fazer demittir tambem as autoridades do Porto, assim como fizeram sair de Coimbra o sr. Solano d'Almeida... e talvez a esta hora outro galo lhes tivesse cantado!

Não poucos esforços empregaram para isso—e se alguma coisa admira, é que o não tenham obtido como desejavam!»

Decerto o governo indagará como resistiu o sr. governador civil de Coimbra aos revolucionarios que o demittiram e que naturalmente eram dos taes da aproximação, com que o andaram entretendo e com que não teriam entretido com toda a certeza o sr. capitão Solano d'Almeida, cuja demissão se está vendo ter sido um enormissimo erro.

As nossas informações dizem que no dia 5 d'outubro, para festejarem a republica velha, andaram pela Baixa, em Coimbra, grupos de gente da união sagrada,

dando-lhe vivas e aos seus idolos. Fôram presos pela policia, mas logo soltos pela intervenção do sr. governador civil, que appareceu no local (rua Ferreira Borges) e pelo seu gesto libertador foi levado em charola pelos avançados, aos quais assim queria conduzir... á aproximação!

Passaram-se, apenas, oito dias, e o sr. governador civil foi tranquillamente deitar-se na noite de sexta-feira, depois de lhe ter sido notificado pelo inspector da policia, Eutico de Campos, que tudo estava na melhor ordem. E estava na ordem... para a revolução.

Quando ás 8 da manhã sua ex.ª foi despertado por um policia, já governava em Coimbra... a republica velha, só lhe dando tempo a comunicar para Lisboa o caso antes de lhe cortarem o telefone! Fôra absolutamente logrado pela gente que o cercava e tinha como de sua confiança! Os da aproximação tinham-lhe pregado a partilha em cheio, deixando o a olhar para as tropas revoltadas que dominavam Coimbra!

Seria isto possível se lá estivesse em vez d'este aproximador o sr. capitão Solano d'Almeida?

Ora aí tem no que deu essa demissão inconvenientissima de quem teria vendido a caro preço a vida e não dormiria com tanto descanço enquanto o sr. Sidonio Paes, felizmente, em Lisboa não caía nos braços de Morpheu!

Mas se querem vêr outro caso tipico de responsabilidades a apurar aí tem o que conta *O Seculo* sobre o procedimento do sr. coronel Pestana, de infantaria 23 e que dispensa comentarios, bastando sublinhar:

Alheio ao que se passava, o regimento 23 conservou-se fiel, no seu quartel, sob a mais rigorosa disciplina e com os seus officiaes, tendo á frente o comandante, coronel sr. Pestana. Neste quartel está tambem instalado o 5.º grupo de metralhadoras e uma divisão de artilharia, comandada pelo alferes sr. Nazaret, que egualmente se conservaram fieis e disciplinados.

Os officiaes da administração militar, que se não revoltaram, e que eram todos revolucionarios de 5 de dezembro, dirigiram-se para o 23, a fim de prestarem os seus serviços, do que resultou ser grande o numero dos officiaes fieis que ficaram naquele quartel, encontrando-se ali tambem o chefe do estado maior, tenente coronel sr. Mascarenhas.

O general sr. Jaime de Castro, apesar de preso, deu ordens, por intermedio de alguns soldados que a isso se prestaram, para que o 23, o grupo de metralhadoras e a divisão de artilharia atacassem immediatamente os revoltosos. Essas ordens, porém, não foram cumpridas, apesar dos aspirantes da administração militar srs. Almeida de Azevedo, Cavaleiro, Fernandes e tenente de engenharia sr. Costa Alemão Teixeira, se pronfificarem a coajubar os seus camaradas do 23, ou assumirem sósnhos, o comando das tropas fieis, a fim de libertarem o general sr. Jaime de Castro.

Nesta altura, do 35, o coronel Mourão telefonava para o 23, participando que a revolução estava na rua e havia assumido o comando das tropas revolucionarias, convidando por isso aquele regi-

mento a aderir ao movimento, de contrario, o bombardearia. O entusiasmo dos officiaes das unidades aquarteladas no 23, foi extraordinario nesse momento, sendo os principaes entusiastas os aspirantes e alferes, dispondo se todos a sair para a rua, a fim de combaterem os revoltosos.

O coronel sr. Pestana opoz-se, porém, terminantemente, a que o fizessem, alegando que a vida do general sr. Jaime de Castro perigaria. Pouco depois, o quartel do 23 começava a ser bombardeado pela artilharia de Santa Clara, que lhe fez uns 27 tiros.

O fuge era muito certo, o que prova que os elementos de tiro tinham sido estudados, antes da revolução, pelos officiaes.

O coronel sr. Pestana telefonou, então para o 35, dizendo que se entregava, visto o bombardeamento lhe danficar o quartel, facto de que resultou sairem do 35 o aspirante Povoas e um alferes que foram parlamentar com o coronel sr. Pestana, do 23.

Em seguida a essa conferencia, o comandante do 23 participou aos seus officiaes que tinha capitulado e assinado um compromisso de honra, de que não combateria, convidando esses officiaes a assina-la tambem. Alguns officiaes fizeram-no mas outros recusaram se a isso terminantemente, pelo que foram presos os aspirantes Almeida, Fernandes e Cavaleiro, e alferes Lage. Por sua vez, fugiram, seguindo a pé até Aveiro com o intuito de se juntarem ás unidades fieis, o tenente de engenharia sr. Costa Alemão, os aspirantes da administração militar srs. Lelé, Ferraz de Carvalho e Fernandes, e ainda outros.

O aspirante sr. Fernandes, com doze homens, ainda chegou a travar combate durante uma hora e meia, com os revoltosos que guardavam o quartel general, afim de vêr se conseguia libertar o general sr. Jaime de Castro.

Esta situação prolongou-se assim até domingo ao meio dia, hora a que os revoltosos, vendo-se perdidos, por haver gorado a revolução no resto do paiz, se entregaram, libertando os presos e fugindo em seguida.

Que dirá o sr. dr. Sidonio Paes a este tão singular procedimento do sr. coronel de infantaria 23, tão facilmente capitulando, apesar de estar á frente de tão importante força e ter a seu lado officiaes tão leaes e tão valentes como aqueles cujos nomes acabam de lêr-se?

Decididamente todas as responsabilidades tem que apurar-se e não só as dos que se revoltaram. Todas, d'alto a baixo!

Todas desde que o sr. dr. Sidonio Paes deixou a pasta da guerra até que rebentou a revolução de 12 d'outubro.

E esse apuramento de responsabilidades podendo servir para castigar, deve, principalmente, aproveitar-se para prevenir e por incredulidade excessiva em avisos amigos, não se tornar a cair na situação em que ficaram agora os que tão ingloriamente fôram colhidos de surpresa.

